

doi 10.46943/VII.CONAPESC.2022.01.086

O DESAFIO DO RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS NO “NOVO NORMAL”

KÁTIA FARIAS ANTERO

Graduada em Pedagogia e Letras (Unavida), Mestre em Psicanálise da Educação e Saúde - UNIDERC- (2014), Mestrado em Master of Science in Education pela The Grendal College and University, Brasil(2015), Mestre em Filosofia da Educação (Faculdade de São Bento), Doutora em Educação (UNISC); Docente do Centro Universitário UNINASSAU – Campina Grande –PB; Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, cultura e diversidade – NUPEDI/IFPB– CNPQ. Email: professorakatiaantero@hotmail.com

RESUMO

Ao término de 2019 e início de 2020, o mundo foi abalado devido à pandemia do Covid-19 do vírus denominado SARS-CoV-2 forçando a todos uma nova realidade no cotidiano a ser marcado pelo distanciamento social e novos comportamentos para preservação à saúde e vida humana. O contexto imposto determinou que as aulas em todos os países fossem realizadas na modalidade remota levando os sujeitos da escola ao sentimento de medo e insegurança. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho se vincula no que tange ao retorno das aulas presenciais pós - emergência pandêmica e os desafios enfrentados por alunos e professores no ensino público. A pesquisa de cunho qualitativo teve como sujeitos participantes 120 alunos dos anos finais do ensino fundamental e 12 professores de uma escola pública de um município do estado da Paraíba. Amparamos as leituras teóricas com base nos estudos de Costin (2021), Abreu e Almeida (2008), dentre tantos outros. A pesquisa deixou evidente a fragilidade que temos ainda em superar a presença física em detrimento de uma virtual e o quanto essa mudança causou insegurança nos sujeitos do ambiente escolar refletindo no retorno presencial bastante atribulado mediante o contexto imposto com novos comportamentos e práticas diante de uma pandemia global.

Palavras-chave: Retorno, Aulas Presenciais, Desafios. Trabalho Remoto.

INTRODUÇÃO

No mês de dezembro de 2019 surgem informações de que fora do nosso país havia surgido uma doença causada por um vírus e que todos deveriam estar atentos às características do acometimento, pois a infecção se dava de maneira muito rápida entre as pessoas.

Em meio ao amedrontamento, velozmente o vírus SARS-CoV-2 atravessou as fronteiras entre os países de todo o mundo trazendo consigo a insegurança, o medo de se infectar e morrer, medo de perder amigos e familiares. O fato é que essa situação que pouco se sabia sobre ela foi motivo de verdadeiro pânico que atingiu as economias dos países, alguns deles até fizeram *lockdown*¹.

No momento em que o vírus está ativo ele causa infecções respiratórias, que podem ser classificados em casos leves ou moderados, os quais provocam sintomas muito parecidos como um resfriado, como: coriza, dor de garganta, tosse e febre. Porém, em alguns pacientes infectados pelo vírus, pode haver uma evolução da doença e provar quadros graves, como a presença de pneumonia em pessoas mais velhas, ou indivíduos com problemas cardiovasculares, podendo, em pessoas que possuam alguma comorbidade (doenças associadas) ou que apresentem comprometimento do sistema imunológico, levar ao óbito (MÉDICI; TATTO; LEAO, 2020 apud MIRANDA et.al 2020, p. 2)

Como uma doença dessa magnitude ainda não havia ocorrido, muito embora já tivessem acontecido outras pandemias, o Covid-19 obrigou as empresas fecharem as portas inicialmente e até muitas pessoas ficaram desempregadas porque atingiu diretamente a economia e os donos de lojas, empresas, indústrias, comércio em geral tinham dificuldade em permanecer com o quadro de funcionários que não estavam na ativa.

Dois anos se passaram desde o início da pandemia e muitos passos foram dados rumo ao “novo normal” e mediante o contexto que exige novas formas de comportamentos, todos tiveram que se adaptarem as exigências adotadas nos variados espaços. Quanto a essa expressão,

(...) não existe uma conceituação aprofundada sobre o termo que vá para além da sua reiterada utilização para definir o conjunto de mudanças estruturais e em múltiplas instâncias da

1 Palavra de origem inglesa que significa confinamento (*Grifo nosso*).

vida, decorrentes da atual crise sanitária, política, econômica e social (REIS, SILVA, MEIRELES, 2021, p. 228)

Reconhecendo tais dificuldades tanto para se adaptar a conviver com o vírus no nosso meio quanto para colaborar com a escola para que as aulas de maneira presencial retornassem, esses desafios trouxeram consigo um mapa que revelou muitos problemas na educação que vem desde a instância maior do país até adentrar nas moradias dos alunos. Dificuldades econômicas, sociais, relacionais, psicológicas, educacionais, dentre outros.

Nesse sentido, procuramos explicar sobre o retorno das aulas presenciais pós - emergência pandêmica e os desafios enfrentados por alunos e professores no ensino público de uma escola municipal do estado da Paraíba. Enquanto sujeitos participantes dessa investigação foram envolvidos 120 alunos dos anos finais do ensino fundamental e 12 professores da escola do turno tarde. A pesquisa de cunho qualitativo contou com apoiadores da temática ancorada em produções defendidas por Costin (2021), Abreu e Almeida (2008), dentre tantos outros.

A educação de todos os países também teve que cessar o andamento das aulas nas escolas para proteger a vida de todos os sujeitos que dela fazem parte. Dezenas de milhares de crianças foram diretamente atingidas e prejudicadas, pois não se tinha ideia de como o ensino – aprendizagem iria prosseguir e nem como fazê-lo.

Pensando em minimizar os impactos da pandemia, várias instâncias procuraram adotar medidas que orientassem em alguns aspectos. A Organização Mundial da Saúde, o Ministério da Educação, O Ministério da Cultura, Conselho Nacional de Educação e tantas outras esferas tiveram que discutir sobre como se daria o caminho para que o mundo voltasse à ativa.

O uso dos recursos tecnológicos foi a saída encontrada inicialmente para que trabalhos *Home Office* tivesse a mesma eficácia que o executado no trabalho presencial e as escolas foram orientadas a buscar caminhos que possibilitassem ao aluno assistir suas aulas de forma remota. Nesse sentido, evidencia-se que ao longo da humanidade que quando ocorre uma pressão que leva a sociedade a uma mudança de comportamento e ações, ficam mais perceptíveis às possibilidades de transformação e só assim esclarece-se o quanto o homem precisa que algumas mudanças tornem-se necessárias e que outrora podem em outro tempo deixar de ser, e outras modificações serão permanentes. “Afinal, foi nas crises que a humanidade mais inovou, aprendeu e quebrou paradigmas. É como se catástrofes tivessem um poder de nos tirar da zona de conforto e nos obrigar

a construir novas soluções para os problemas vivenciados” (COSTIN, 2021, s.p). Bem como, fica explícito que o sujeito aprende não somente na escola, mas em todos os contextos que ele está inserido. Assim, “a escola precisa repensar seu papel, uma vez que deixa de ser a única fonte de saber, já que os meios digitais apresentam um grande volume de informações” (SILVA, FOSSATTI e JUNG (2018, p. 3)

Assim, justificam-se produções científicas desse porte uma vez que é fato repensarmos as nossas práticas enquanto professores e o processo de como o aluno aprende, uma vez que, nunca mais a educação poderá ser vivenciada como tempos outros, pois as mudanças emergenciais revelaram algumas fragilidades na educação de todos os sujeitos da escola e as dificuldades enfrentadas para superar mais esse desafio.

Essa produção segue destacando alguns acontecimentos nas escolas municipais de forma geral em todo o país e partindo desse contexto, verifica-se que os problemas são praticamente iguais independentemente de local. Em seguida, busca-se expor alguns acontecimentos ocorridos na escola de pública de ensino fundamental de um município paraibano onde buscamos investigar a realidade dos alunos e professores atuantes nos anos finais do turno tarde.

O ensino – aprendizagem: ponderando ações

São inegáveis os efeitos da pandemia que atingiram diversos aspectos dentre eles educacionais em todo o planeta. O evento que paralisou o mundo obrigou a todos a transformação dos seus hábitos e comportamentos tendo que se adequar a uma nova realidade.

As escolas passaram a oferecer as aulas em modalidade remota para que os alunos não sofressem com maiores impactos em seu desenvolvimento cognitivo e atrasassem seus estudos. De acordo com Santana et. al (2020, p. 82) “[...] em um contexto educacional que já enfrenta desafios importantes em função das transformações sociais que o mundo vivencia, ganha novas provocações em razão do cenário pandêmico”.

O governo federal, na tentativa de dar algumas respostas às inúmeras imprecisões, editou a Medida Provisória (MP) nº. 934 de 1º de abril de 2020 (BRASIL, 2020c), a qual desobrigou o cumprimento dos duzentos dias letivos; todavia, manteve a obrigatoriedade das oitocentas horas anuais. (RAICA; SÁ, 2021, p. 18)

Nesse sentido, alguma coisa precisava ser feito e pensado para que a educação formal na parasse já que é garantido pela Constituição esse direito em todas as modalidades de ensino:

O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;⁵

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequada às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (BRASIL, 1988)

O fato é que professores e alunos, escola e família, tiveram que aceitar as novas metodologias de ensino a distância e muitas delas apresentaram bastantes dificuldades. Afinal, não vieram orientações da gestão federal em como proceder ao ensino e isso levou a todos procurarem meios de cada sujeito contribuir nesse processo.

Analisar o trabalho docente e suas perspectivas não é tarefa que possa ser empreendida sem considerar ser esse um trabalho como outro qualquer. E aqui não se apresenta uma desqualificação dessa relevante atividade, muito pelo contrário, mas cabe reconhecer que o trabalhador da educação é um trabalhador e não um ente iluminado apartado das condições materiais e históricas do mundo do trabalho. (REIS; SILVA; MEIRELLES 2021, p. 233)

Vale ressaltar que mesmo em meio às inúmeras incertezas, coube à escola transformar-se quanto ao uso de metodologias tecnológicas nas aulas remotas fazendo uso de programas, metodologias ativas, jogos virtuais contextualizados mesmo reconhecendo que tais elas não faziam parte do planejamento das aulas presenciais antes da pandemia, nem do cotidiano dos alunos e famílias.

Neste sentido, a acelerada inclusão digital que acabou acontecendo com mestres dando aula em plataformas e alunos acessando no celular ou em outros dispositivos preparou de alguma maneira a escola para uma outra prática. É verdade que houve grandes dificuldades, dada a reduzida conectividade e os custos dos pacotes de dados para aqueles que não receberam chips de suas secretarias, mas alguma aprendizagem em meio digital ocorreu. (COSTIN, 2021, s.p)

Mas, não compete a escola desenvolver habilidades e competências de educação digital. Porém, coube a ela essa transformação do saber inovando o espaço escolar. É bem verdade que diante do contexto pandêmico muitos estados propiciaram *internet* gratuita para muitas pessoas para facilitar o acesso a muitas famílias carentes. No entanto, não podemos descartar que não adianta ter *internet* sem ter os aparelhos necessários para uso dos alunos que muitas vezes nem tem o que comer e iam à escola pelo simples fato de se alimentarem. Eis a realidade de muitos do nosso país.

Diante das dificuldades emergidas desde o início da pandemia ficou clara a lacuna existente nas políticas educacionais no Brasil que não tinham respaldo algum para orientar em como proceder as praticas. De certo que as escolas particulares, com maiores possibilidades metodológicas e com realidades que diferem das instituições públicas, obtiveram melhores êxitos em seus procedimentos por contarem com famílias com outros poderes aquisitivos e mais preparadas economicamente. Nesse aspecto, vale compreender que:

É preciso saber combinar as atividades presenciais que estimulam a colaboração entre alunos, bem como a valorização e a humanização da relação professor/aluno, com atividades virtuais em que o aluno estuda sozinho, utilizando-se das ferramentas digitais (LIMA e MOURA, 2015, p.97)

Esse fato interferiu para que muitos abandonassem a escola pública e se evadissem acarretando muita infrequencia nas aulas. A falta de motivação também era dos professores por não terem desenvoltura das metodologias abordadas utilizando plataformas virtuais, pois não tinha outro caminho a não ser buscar afinidade com o seu uso para ocorrerem às aulas de maneira remota. Mas, não somente por essa razão. Instabilidades na conexão da *internet*, a falta de assistência mais próxima do professor e dos trabalhos em equipe também interferiram negativamente na compreensão e prática dos conteúdos escolares.

Essa situação corrobora para o que é defendido por Oliveira (2019, p.33) explicando que “a aprendizagem desperta processos internos de

desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas”. O autor evidencia de forma objetiva que todo ser humano tem maior nível de satisfação ao aprender em equipe, mas sendo necessário respeitar a individualidade e singularidade de cada.

Mediante esse contexto, pouco se imaginava como seriam o retorno das aulas presenciais porque já era sabido que a forma como os alunos aprendiam antes da pandemia não seria a mesma como no pós-pandêmico. A dúvida de todos deixava o ambiente com mais incerteza do que e como proceder.

[...] a ideia de enfrentar as incertezas, com relação ao conhecimento, leva à reflexão sobre uma incoerência existente dentro da instituição escolar, ao decidir ensinar somente as “certezas”. Porém, a vida se constituiu de ambas. A própria pandemia, causada pela Covid-19, é um fato inesperado que, em processo de aprendizado, ainda não se sabe como será. Para tanto, questiona-se: quando a vida vai retornar à normalidade? E, senão houver normalidade, como continuar? A certeza que se tem é que, neste crucial momento, cabe o enfrentamento dessas incertezas, para que, quando o retorno for possível, metas sejam traçadas para seguir adiante (ZURAWSKI, BOER E SCHEID, 2020, p. 8)

Diminuindo o número de infectados pelo Covid -19 ao segundo semestre de 2021 surge a possibilidade de oferecer aulas na modalidade híbrida². Depois de toda uma adaptação modalidade remota com aulas 100% *on-line*, surge à nova modalidade. Nessa perspectiva, os pais poderiam escolher entre aulas remotas totalmente ou híbridas aonde seus filhos iam às aulas presenciais duas vezes na semana dividindo seus estudos nessas duas formas. Muitas famílias preferiram continuar com as aulas remotas por ainda terem receio que seus filhos fossem expostos mesmo que as escolas seguissem todo protocolo determinado pela segurança de saúde e Organização Mundial de Saúde.

Mais uma vez destaca-se a assistência e condições do ensino privado em relação ao ensino público, pois além da escola pública ter um número elevado por turmas ficaria bem difícil manter o distanciamento social. Além disso, vale salientar a disparidade na organização dos transportes públicos que pega a maioria dos alunos em locais distantes da cidade e na zona rural para levar até as escolas. Seria dificultoso montar estratégias e exigiria uma força tarefa que

2 Entende-se por Modalidade Híbrida o estudo dividido de forma presencial e *on-line* (Grifo nosso)

até segundo semestre de 2021 ainda não tinha sido implantando mesmo passado quase dois anos de pandemia.

Iniciando o ano letivo de 2022 e com maior controle de infectados e muitos vacinados, a proposta do Ministério da Educação e Cultura (MEC) foi que todas as escolas sejam elas públicas e privadas retornassem a modalidade presencial. Partindo então para um novo e grande desafio: despertar o gosto pelo reaprender a estudar e nesse aspecto todas as escolas tiveram dificuldades tanto para professores quanto os alunos. Assim, “precisamos refletir sobre o quanto as novas formas de estarmos conectados aos espaços escolares nos impactam enquanto educador” (ALMEIDA, JUNG, SILVA, 2021, p. 104)

É bem verdade que o retorno às aulas presenciais movimenta um novo olhar no processo educacional e em tudo que nela interfere. Hoje, é possível que o professor realize atividades nas quais os alunos possam utilizar das tecnologias para realizá-las. Assim, eles poderão ter maior facilidade na aprendizagem, atualizar conteúdos já assistidos anteriormente, ampliar seus estudos com pesquisas, fazer parte de um ciclo de uso de metodologias ativas onde o aluno possa fazer parte ativamente do andamento das aulas também ensinando aos demais e inclusive ao professor.

É preciso saber combinar as atividades presenciais que estimulam a colaboração entre alunos, bem como a valorização e a humanização da relação professor/aluno, com atividades virtuais em que o aluno estuda sozinho, utilizando-se das ferramentas digitais (LIMA E MOURA, 2015, p. 97)

Compreende-se que à medida que o professor se aproxima de suas turmas analisando suas preferências e anseios no processo de ensino – aprendizagem verifica-se sobre as possibilidades e viabilidades de mesclar os estudos entre remoto e presencial, uma vez ser “fundamental para abrir a escola para o mundo e também trazer o mundo para dentro da instituição” (MORAN, 2015, p.39).

Deve-se proporcionar espaços de multiuso e tempos flexíveis a serviço de projetos de aprendizagem, como: espaços de trabalho individual e estudo, espaços de trabalho em grupo, espaços de comunicação, exposição, discussão e debate. Ambientes diversificados, polivalentes, flexíveis em suas formas de organização, no desenvolvimento das atividades, nos ritmos, nos recursos midiáticos, didáticos e humano (FÜHR, 2019, p. 90).

Dada, portanto, a relevância de o professor explorar a didática com diferentes tipos de abordagens e metodologias sendo estas presenciais e/ou a

distância. Quanto mais diversificada mais os alunos gostam e é possível diminuir ainda mais a desigualdade entre aqueles que não têm acesso à *internet*.

METODOLOGIA

A realização de produção de pesquisas científicas é interessante para qualquer sujeito pesquisador além de contribuir com novas ideias e descobertas que afloram ainda mais os conhecimentos gerais e específicos. Nesse sentido, traz a tona possíveis respostas de problemáticas que visaram desvendar o teor dessa investigação. Por isso, convém reconhecer que:

Pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa. [...] Contudo, num sentido mais estrito, visando a criação de um corpo de conhecimentos sobre um certo assunto, o ato de pesquisar deve apresentar certas características específicas. Não buscamos, com ele, qualquer conhecimento, mas um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos. (GATTI, 2002, p. 9-10)

Assim, o ato de pesquisar também revela traços do autor, pois mesmo implicitamente ele se envolve com inferências e marcas de si. Sendo “um estudo delineado pelo rigor que é compreendido de diversas formas no cenário científico” (ABREU; ALMEIDA, 2008, p.75).

Essa investigação possui caráter qualitativo de modo que “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave” (KAUARK, MANHÃES E MEDEIROS, 2010, p. 26).

Contamos com os sujeitos participantes sendo 120 alunos dos anos finais e 12 professores de uma escola pública de um município do estado da Paraíba. Amparamos as leituras teóricas com base nos estudos de Costin (2021), Abreu e Almeida (2008), dentre tantos outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi necessário um esforço coletivo para que todas as estratégias de ensino funcionassem com êxito, mas não se sabia ainda os grandes desafios a serem enfrentados no retorno às aulas presenciais. Nesse sentido, os professores e todo o contexto escolar se apoiaram realizando um esforço coletivo de modo

que pudessem ser minimizadas as dificuldades que possivelmente surgiria nesse retorno.

Quanto ao andamento das aulas no *locus* dessa pesquisa em um município paraibano a 40 km de Campina Grande – PB, somente nesse ano de 2022 é que as aulas foram iniciadas de maneira híbrida e aos poucos, seguindo todos os protocolos de proteção a saúde.

Durante as aulas que ocorriam de forma remota, as famílias que não conseguiam acompanhá-las eram convidadas à escola em uma data específica para entregarem as atividades e conteúdos explorados pelos professores. Quinze dias após, retornavam a instituição para entregar as atividades respondidas e pegarem outras. Essa comunicação era via *WhatsApp* ou ligação de telefone.

Inicialmente, ainda sem muitas informações sobre o procedimento das aulas remotas, os professores tinham bastante dificuldade quanto ao uso das ferramentas que lhes eram orientadas a explorar para viabilizar as aulas. No entanto, sublinha que aqueles profissionais com mais de 20 anos de sala de aula e próximo a sua aposentadoria declararam suas reais dificuldades e, além disso, não demonstravam muito interesse em procurar uma formação continuada sobre o uso das tecnologias para ajudar aos alunos, pois declaravam que já estavam próximos de se aposentarem e não iam “quebrar” a cabeça com isso. Nesse contexto, percebe-se que a problemática não é apenas local, mas a nível se instância maior:

Muitos professores, ao aderirem às atividades remotas, sentem-se traído a escola; é como se novas práticas se configurassem em aceitação, passividade e aderência ao que antes negavam. Há aqueles que sequer se colocam na condição de experimentar esse novo que se anuncia. Negam, simplesmente, sem sequer provocar a si mesmos. Utilizam-se de argumentos que fecham quaisquer possibilidades de aberturas ao que se aponta como um novo tempo. (RAIC; SÁ, 2021, p. 21)

Os alunos que conseguiam assistir as aulas remotas realizavam suas atividades nas plataformas e meios direcionados pelos professores. Os encontros virtuais aconteciam pelo *Google Meets* e/ou *Google For Education* com aulas ao vivo e os alunos participavam com interação no *chat* e/ou abrindo seus microfones. Mas os professores deixavam exposto nos encontros de planejamentos que inicialmente se davam também *on - line* e após que passou a ser de modo presencial, que mesmo essa geração sendo do uso da tecnologia e seus recursos, muitos alunos ainda tinham dificuldade em manusear ferramentas simples.

a Google For Education é composta por um pacote de ferramentas que se mostram como uma das mais inovadoras e disruptivas em termos de tecnologia educacional em dimensões globais. Tal plataforma, com seus diversos aplicativos, tem por macro objetivo facilitar o processo de ensino e aprendizagem por intermédio de diversas ferramentas interligadas [...] tornando o professor um dos elementos no processo de colaboração, tendo responsabilidade de ajudar o estudante, que toma condição protagonista no seu próprio processo de aprendizagem (SILVA, FOSSATTI E JUNG (2018, p. 16)

Outros problemas também ocorriam com esquecer a câmera ligada revelando a todos o que ocorria no interior de suas residências expondo até situações vexatórias, ou o microfone aberto compartilhando conversas familiares e discursos surpresos dos alunos que ao se darem conta de que estavam sendo expostos, saíam da aula.

Cabe ao professor orientar sobre o uso das câmeras e participação em sala de aula remota, pois muitos alunos só ficavam com câmeras ligadas quando o professor solicitava a atenção e/ou participação de um trabalho e mesmo assim, abriam por curto espaço de tempo fazendo com que muitas vezes o professor desenvolvesse a aula sozinho sem ter a certeza de que os alunos estavam atentos no outro lado da tela.

Os professores insistem, mas os alunos resistem: são poucos os que deixam a câmera ligada na aula online. Após mais de um ano de pandemia e ensino remoto, o uso da câmera traz à tona uma série de questionamentos: ao mesmo tempo que a ferramenta permite uma maior interação, também expõe a todos de maneira nunca antes imaginada, levantando discussões sobre privacidade, respeito e mesmo *cyberbullying*. Enquanto as escolas pedem que a câmera e o áudio fiquem abertos durante as aulas, e os professores tentam fazer com que os alunos sigam a orientação, crianças e adolescentes relutam em utilizá-los por motivos diversos. (FRAIDENRAICH, 2021, s.p)

Os professores iam a instituição pegar o que fora entregue pelas famílias e levavam para corrigir e dá um parecer a respeito das atividades. Todos os professores relataram a dificuldade tanto deles que não conseguiam tirar as dúvidas e explicar os conteúdos para aqueles que não conseguiam assistir as aulas, quanto os alunos sentiam falta do contato humano e da rotina escolar.

Diante disso, quando os profissionais da educação se organizavam no planejamento procuraram estratégias que minimizassem esses impactos negativos

na aprendizagem dos alunos, mas, por mais que as ideias surgissem seria necessária a contribuição das famílias quanto ao incentivo aos estudos por parte de seus filhos. “(...) precisamos romper com as práticas da realidade de antes da pandemia e nos darmos conta das mudanças que esse momento nos traz, bem como as mudanças que ainda surgirão no futuro das gerações” (ALMEIDA, JUNG, SILVA, 2021, p. 101).

De acordo com Horn e Staker (2020; p. 78) “todos os interessados em melhorar a educação devem adotar o ensino *on-line* e aproveitar toda a melhoria sustentada possível que ela possa trazer para a sala de aula tradicional”. Mas, refletindo sobre essa situação precisamos ver a realidade de cada comunidade e pensar se essa transformação não aumentaria ainda mais a exclusão.

Fica aqui exposta uma situação intrigante: se os alunos sentiam falta das aulas e dos estudos porque a desmotivação em continuar estudando mesmo com essas mudanças necessárias? A esperança estaria, portanto, no retorno as aulas presenciais.

Após quatro meses de aulas na modalidade híbrida acontece o retorno das aulas presenciais. Fato esse que envolveu toda comunidade escolar em oferecer recepção, aulas dinâmicas, estratégias mais divertidas e acolhedoras porque se acreditava que os alunos viriam sedentos da escola. Isso foi baseado nos discursos dos pais quando iam à escola pegar atividades ou conversar com alguém da equipe para tirar dúvidas ou buscar caminhos para ajudar seus filhos em casa.

O fato é que o retorno presencial trouxe consigo inúmeros problemas comportamentais e envolvimento com o ato de querer aprender por parte dos alunos, o que frustrou a visão dos docente. Por isso, percebe-se que a escola não pode e nem consegue trabalhar isoladamente sem o apoio de outros profissionais além do professor. Segundo a nota técnica do documento Todos pela Educação é sabido que,

Diante desse cenário, é esperado que as escolas se depararem com novos e complexos desafios, que só poderão ser devidamente enfrentados se houver apoio de outras áreas. Ou seja, uma resposta adequada do poder público na Educação só virá com um esforço amplamente intersetorial, envolvendo, especialmente, as áreas da Saúde e da Assistência Social (BRASIL, 2020, p. 7)

Passada a primeira semana de aula presencial acreditava-se que como a agitação poderia abrandar na semana seguinte, isso não ocorreu e novos problemas vieram à tona.

Como antes da pandemia os alunos estavam acostumados à rotina da instituição e passaram 2 anos longe dela, com retorno a esse espaço eles não queriam mais seguir o que era posto. Por exemplo: o ônibus escolar chegava antes das 13 horas para que pontualmente entrassem na escola para o início das aulas. Com o toque da sirene, todos os professores e alunos se dirigiam as suas salas de aulas respeitando todos os horários do dia para a organização das ações rotineiras.

Com o retorno ao presencial, os ônibus continuam chegando ao seu horário, mas os alunos ficam na frente da escola demorando a entrar mesmo ao sinal do toque. Alguns inclusive se dirigem a outros locais que não são da escola e a família só fica sabendo desse feito quando a escola solicita seu comparecimento para uma conversa. Os pais ficam espantosos por saberem que seus filhos não estão entrando na instituição e as reações da situação se diferem. Alguns não estão muito preocupados com a frequência dos seus filhos, já outros se preocupam não pelos estudos, mas por receio de perder o acesso ao Bolsa Família.

Outro fator importante de ser elencando é o fato de muitos alunos resistirem a seguir as determinações combinadas sempre em conjunto. Vários combinados foram realizados em consenso como: ao tocar o sinal todos devem se dirigir diretamente as salas de aula. No entanto, muitos vão ao banheiro sem necessidade alguma ou tomar água também sem essa precisão só para ganhar tempo para não adentrarem nas salas de aula. Quando estes entram, não colaboram para que os professores realizem na prática o que foi planejado. Conversam bastante atrapalhando as aulas, respondem aos professores, dentre outras atitudes que dificultam o processo de ensino – aprendizagem.

Por passarem tanto tempo sem os encontros presenciais é perceptível a falta de interesse e estudar entre eles. Por mais que os professores procurem dinamizar o aprendizado com metodologias ativas, práticas, o comportamento é o mesmo e isso desmotiva o trabalho docente que passou a ser muito mais exigente do ser humano professor do que fora em qualquer outra época.

Portanto, a dificuldade tanto por parte dos professores quanto dos alunos no período pós - pandêmico se sobressai mesmo com o trabalho redobrado e mais humano da escola junto às famílias. Mas, por mais difícil que se apresente esse processo de retomada é necessário não perder a crença em dias melhores e que esse comportamento dos alunos nesse contexto é um pedido de socorro. Pedido de normas, regras, ordens que por mais que na gostem sabem que precisam delas até para se tornar um cidadão atuante na sociedade que cumpra seus deveres e execute suas tarefas da mesma forma que querem que seus direitos sejam plenamente respeitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos esse estudo reconhecendo que os resultados da Covid-19 em nosso cotidiano ainda é bastante latente e na escola não há como ser diferente por ser um espaço de interação social. Reconhecemos o esforço espantoso que a comunidade escolar desempenha e em especial a figura do professor por ser um guerreiro que teve que se adaptar com o ser humano e com o profissional ao que era exigido para que o ensino aprendizagem ocorresse.

Novas metodologias, ações que não aprenderam em seu ensino superior, afinal, ninguém foi preparado para trabalhar utilizando a modalidade remota, foi o único caminho a ser utilizado caso ocorresse uma emergência mundial. O que revela que a partir de agora os currículos desde a educação infantil ao Ensino Superior precisam ser revisitados, reformulados e adaptados.

Evidenciamos ainda o quanto o contato físico entre os alunos e professores é importante. E ainda, destaca-se a necessidades das regras e normas escolares até mesmo para o equilíbrio da instituição. Mesmo que os alunos na fase da adolescência e jovens não apreciem muito, reconhecem que são necessárias.

O retorno às aulas presenciais, por mais que seja hoje uma realidade, carece sensibilidade por parte da gestão escolar que precisa observar as necessidades dos alunos e também dos professores, pois ambos apresentam dificuldades e voltar às aulas de forma física carece um planejamento bem elaborado e correspondente a cada realidade.

Cabe aos sujeitos da comunidade escolar como proceder nesse retorno de maneira que haja apoio por parte das secretarias de educação e um projeto elaborado visando diminuir as dificuldades sejam elas de qualquer esfera para propiciar as aulas presenciais da maneira mais adequada possível.

REFERÊNCIAS

ABREU, Roberta Melo de Andrade; ALMEIDA, Danilo Di Manno de. Refletindo sobre a pesquisa e sua importância na formação e na prática do professor do ensino fundamental. **R. Faced**, Salvador, n.14, p.73-85, jul./dez. 2008.

ALMEIDA, Patrícia Rodrigues de; JUNG, Hildegard Susana; SILVA, Louise de Quadros da. Retorno às aulas: entre o ensino presencial e o ensino a distância, novas tendências. **Revista Práxis**. Novo Hamburgo; ano. 18, n. 3, set./dez. 2021.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial. 1988.

BRASIL, Todos pela Educação. **O retorno às aulas presenciais no contexto da pandemia da Covid-19, 2020**. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2020/05/todos-pela-educacao.pdf> Acesso em: 18 jun 2022.

COSTIN, Claudia. **O desafio da volta às aulas presenciais**. 2021. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/desafios-volta-aulas-presenciais>. Acesso em 16 jun. 2022.

FÜHR, Regina Cândida. **Educação 4.0: impactos da quarta revolução industrial**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

FRAIDENRAICH, Verônica. **Ligar ou não a câmera: as fronteiras da intimidade na pandemia. 2021**. Disponível em: <https://cangurunews.com.br/aula-camera-ligada-pandemia/> Acesso em 18 jun. 2022.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002. (Pesquisa em Educação, v. 1)

HORN, Michael B.; STAKER, Heather; CHRISTENSEN, Clayton. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. Disponível em: <https://biblioteca.isced.ac.mz/bitstream/123456789/713/1/Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf> Acesso em: 18 jun. 2022.

LIMA, Leandro Holanda Fernandes; MOURA, Flávia Ribeiro de. O professor no ensino híbrido. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; DE MELLO TREVISANI, Fernando. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

MIRANDA, Kacia Kyssy Câmara de Oliveira; LIMA; Alzenir da Silva; OLIVEIRA, Valeska Cryslaine Machado de; TELLES, Cinthia Beatrice da Silva. Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e aluno. In: Congresso Nacional de Educação

CONEDU: Educação como (re) Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. Alagoas, 2020. **Anais eletrônicos** [...] Alagoas, 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID5382_03092020142029.pdf Acesso em: 18 jun. 2022.

MORAN, José Manuel. Educação híbrida: um conceito chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; DE MELLO TREVISANI, Fernando. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

OLIVEIRA, M. k. de. **Teorias psicogenéticas em discussão**. 5. ed. São Paulo: Summus, 2019.

RAIC; Daniele Farias Freire SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. O retorno a um “novo normal”: a emergência de um pós-normal em educação. **Revista entreideias**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 11-37, jan./abr. 2021.

REIS, A. C.; PINTO E SILVA, E.; MARINHO MEIRELLES, C. O “novo normal” no campo da educação: da aparência à essência. **Revista Princípios**, v. 40, n. 160, p. 225 - 245, 16 jan. 2021.

SANTANA, Camila Lima et al. Aula Em Casa: Educação, Tecnologias Digitais e Pandemia Covid-19. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SILVA, Louise de Quadros da; FOSSATTI, Paulo; JUNG, Hildegard Susana. Metodologias Ativas: A Google For Education como ferramenta disruptiva para o ensino e aprendizagem. **Revista Paidéi@-Revista Científica de Educação a Distância**, v. 10, n. 18, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php/paideia/article/view/880>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ZURAWSKI, Rafaela Luana; BOER, Noemi; SCHEID, Neusa Maria John. O professor e os novos contextos de ensino: uma abordagem teórico-metodológica em tempos de pandemia. **Disciplinarum Scientia| Ciências Humanas**, v. 21, n. 2, p. 81-93, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/3446>. Acesso em: 17 jun. 2022.